

Caderno de Resumos

# II Encontro Internacional do Grupo Eça O primo Basílio e outros ensaios

14, 15 e 16 de setembro de 2016

USP



unesp



Centro de Estudos das Literaturas  
e Culturas de Língua Portuguesa  
Faculdade de Letras, Letras e Línguas Humanas  
Universidade de São Paulo

FAPESP



*Caderno de Resumos*

II Encontro Internacional do Grupo Eça  
O primo Basílio e outros ensaios

14, 15 e 16 de setembro de 2016

## **EXPEDIENTE**

### **Organizadores**

Helder Garmes (USP)

Luciene Marie Pavanelo (UNESP)

Giuliano Lellis Ito Santos (USP)

### **Secretaria**

Daiane Cristina Pereira (USP)

Duarte Drumond Braga (USP)

José Carvalho Vanzelli (USP)

### **CELP**

Giovanna Usai

Marinês Mendes

## Sumário

Juliana, Dona Plácida e o pão da velhice: uma leitura de <i>O primo Basílio</i> e <i>Memórias póstumas de Brás Cubas</i> Alana de O. Freitas El Fahl (UEFS)	9
Encenações de violência em <i>O primo Basílio</i> Ana Marcia Alves Siqueira (UFC)	10
Mulheres, educação e casamento em Eça de Queirós: <i>As farpas</i> em <i>O primo Basílio</i> Antonio Augusto Nery (UFPR)	11
Eça e Saramago: relações críticas entre literatura e religiosidade Benjamin Abdala Júnior (USP)	12
“O Fascismo da Língua” e a “Democracia em Literatura” no <i>Primo Basílio</i> Breno Cesar Goes (PUC-Rio)	13
Figurações queirosianas: a personagem n’ <i>A Correspondência de Fradique Mendes</i> Carlos Reis (Universidade de Coimbra)	14

<b><i>O primo Basílio</i></b> no <i>Jornal de Letras, Arte e Ideias</i> (1981-2013) Cristiane Navarrete Tolomei (UFMA)	16
A morte das mulheres: o caso de Emma, Anna e Luísa Daiane Cristina Pereira (USP)	17
O romance como teatro: <b><i>O Primo Basílio</i></b> Danilo Silvério (USP)	18
A micropolítica em <b><i>O primo Basílio</i></b> Eduíno José de Macedo Orione (UNIFESP)	19
<b><i>Madame</i></b> : uma leitura baconiana de <b><i>Os Maias</i></b> e <b><i>D. Casmurro</i></b> ? Flávia Maria Ferraz Sampaio Corradin (USP)	20
Uma sensação nova na imprensa carioca em 1878: <b><i>O primo Basílio</i></b> Francisco Maciel Silveira (USP)	21

“o sabor poético de uma vida intensamente amorosa”: o bovarismo em <b><i>O primo Basílio</i></b> e <b><i>Casa de Pensão</i></b> Giorgio de Marchis (Universidade de Roma III)	22
“Reticências pudicas”: uma questão para narrativa de <b><i>O primo Basílio</i></b> Giuliano Lellis Ito Santos (USP)	23
O primo Basílio lido por Moniz Barreto Helder Garmes (USP)	24
Por que Luísa não cedeu ao Castro? Acerca de um episódio de <b><i>O primo Basílio</i></b> Henrique Marques Samyn (UERJ)	25
<b><i>Os Primos Basílios</i></b> de Eça de Queirós e Paula Rego (Intermedialidades) Isabel Pires de Lima (Universidade do Porto)	26
Honra e paixão, marcas obsessivas dos personagens de <b><i>O Primo Basílio</i></b> Izabel Margato (PUC-Rio)	27

Prosas Bárbaras: o insólito em Eça de Queirós e Edgar Allan Poe Jean Carlos Carniel (UNESP/IBILCE – São José do Rio Preto)	28
Ler <i>O primo Basílio</i> através do <i>Fausto</i> de Gounod José Carlos Siqueira (UFC)	29
A política colonialista nos primeiros textos queirosianos José Carvalho Vanzelli (USP)	30
As cozinheiras de Eça de Queirós: <i>O primo Basílio</i> José Roberto de Andrade (IFBA)	31
O fradiquismo de Basílio... Lucas do Prado Freitas (UEL)	32
O patriotismo finissecular em Eça: passado e presente questionados na Torre que rachava mostrando dentro um montão ignorado de lixo Luciene Marie Pavanelo (UNESP – São José do Rio Preto)	33

Luísa de <b>O primo Basílio</b> , de Eça de Queirós, e Rita de <b>A cartomante</b> , de Machado de Assis: duas mulheres mortas como cenário de crítica social Maged. T. A. El Gebaly (Universidade de Aswan)	34
Perspectivas da subalternidade feminina em <b>O primo Basílio</b> , de Eça de Queirós Marcio Jean Fialho de Sousa (USP)	35
O caso do primo Basílio: da narrativa literária à cinematográfica Maria Zilda da Cunha (USP)	36
Julião e Sebastião – a ideologia variante nos discursos de dois personagens coadjuvantes em <b>O primo Basílio</b> Moisés Manzano da Silva (UEL)	38
A <b>via-crucis</b> do corpo: o espaço urbano em <b>O primo Basílio</b> Monica Figueiredo (UFRJ/CNPq)	39
Bem e mal é tudo igual? Patrícia da Silva Cardoso (UFPR)	41

Dois primos: Basílio e Charles Grandet Paulo Motta Oliveira (USP)	42
<b>O primo Basílio</b> e o sublime africano em Eça de Queirós Pedro Schacht Pereira (The Ohio State University)	43
<b>O primo Basílio</b> (Eça de Queirós): o paradigma do espaço literário realista-naturalista queirosiano. Rosane Gazolla Alves Feitosa (UNESP- Assis)	44
Eça flâneur Silvio Cesar dos Santos Alves (UEL)	46
Entre ação e consciência: uma leitura de Teodorico personagem de <b>A Relíquia</b> de Eça de Quierós Thiago Zanotti (USP)	47

## **Juliana, Dona Plácida e o pão da velhice: uma leitura de *O primo Basílio* e *Memórias póstumas de Brás Cubas***

Alana de O. Freitas El Fahl (UEFS)

O presente trabalho tem por objetivo apresentar uma leitura analítica das personagens *Juliana* e *Dona Plácida*, como papéis sociais incômodos na sociedade do século XIX. Seja na burguesia portuguesa ou na fluminense, essas mulheres representam a classe subalterna desses espaços urbanos e se unem através do desejo pessoal de ascensão social. Cada uma, ao seu modo, buscaram os meios possíveis para conseguir o pão da velhice, projeto falhado para ambas. Construídas através de personalidades psicológicas distintas, mas origens e dramas semelhantes, ganharam um contorno especial na pena dos dois autores realistas.

## Encenações de violência em *O primo Basílio*

Ana Marcia Alves Siqueira (UFC)

O trabalho busca discutir as relações sociais pautadas pela violência no romance *O primo Basílio*, tendo como escopo principal o embate entre Juliana e Luísa. Geralmente tal disputa é lida como engenhosa representação da luta de classes, isto é, da revolta da serviçal contra a exploração a que é submetida pela patroa burguesa. Todavia, objetivamos discutir os significados ligados à violência presente e articuladora dos papéis femininos aceitos pela sociedade portuguesa oitocentista, como resultado representativo das batalhas humanas enfrentadas por prazer, liberdade, identidade, voz e realização. O embate entre as personagens é tomado não somente como representativo das relações de alteridade e de dominação, na esfera social burguesa regida pelas leis dominantes do capitalismo moderno; mas, principalmente, como luta pela conquista de vivência e de linguagem próprias, situadas fora dos papéis pré-estabelecidos para as mulheres na época.

## Mulheres, educação e casamento em Eça de Queirós: *As farpas* em *O primo Basílio*

Antonio Augusto Nery (UFPR)

*As Farpas: crônica mensal da política, das letras e dos costumes* foram folhetos mensais escritos por Eça de Queirós em parceria com Ramalho Ortigão, publicados em dupla autoria entre 1871 e 1872 e, posteriormente, somente por Ramalho, até 1882. Dentre as diversas características da sociedade portuguesa, criticadas nesses textos, a educação em Portugal e, mais especificamente, a educação feminina no país, tornaram-se motes constantes das argumentações. O objetivo deste trabalho é refletir em que medida as proposições sobre a condição feminina, veiculadas n' *As farpas* escritas exclusivamente por Eça de Queirós, reverberaram na produção vindoura do autor. Nesta comunicação analisarei especificamente folhetos d' *As farpas* em comparação com o discurso narrativo e a figuração das personagens femininas do romance *O primo Basílio* (1878).

## **Eça e Saramago: relações críticas entre literatura e religiosidade**

Benjamin Abdala Júnior (USP)

As relações entre literatura e religiosidade constitui uma das formas de discussão crítica das formas de conhecimento que marcam a história do conhecimento, o que nos leva a imbricar problemas relativos às formas literárias com aquelas que constituem o conjunto das formas da nossa vida em sociedade. Desde os desenhos das formas do que poderíamos situar como provenientes da cultura material até aquelas mais abstratas da vida cultural, temos configurações que organizam a vida em sociedade, provenientes todas elas de nossas experiências históricas. E foi a razão prática dessas experiências nos levou a situá-las em determinados campos, que constituem os escaninhos do conhecimento. Essas observações valem para as áreas disciplinares, como também para as esferas da cultura, onde se situam as formas dos campos das religiosidades. A tese que estamos desenvolvendo é de que há modos de articulação que se configuram pela práxis em campos do conhecimento mais específicos, mas que não deixam de se associar com a vida econômica, social e cultural e de que as articulações estabelecidas nesses campos migram de um para outro, de acordo com perspectivas dominantes e/ou hegemônicas.

## **“O Fascismo da Língua” e a “Democracia em Literatura” no *Primo Basílio***

Breno Cesar Goes (PUC-Rio)

A partir da crítica feita por Machado de Assis ao romance *O Primo Basílio*, de Eça de Queiroz, é possível tecer um fio que nos leva até às considerações sobre a literatura realista feitas por Roland Barthes. As reflexões do semiólogo e do Bruxo do Cosme Velho, quando contrapostas às de Jacques Rancière sobre a ideia de “Democracia em Literatura”, parecem ser capazes de iluminar alguns aspectos interessantes do romance queirosiano.

## Figurações queirosianas: a personagem n'A *Correspondência de Fradique Mendes*

Carlos Reis (Universidade de Coimbra)

O conceito de *figuração*, associado à noção de *sobrevida* da personagem, tem registado diversos desenvolvimentos, nos planos teórico e operativo, designadamente no âmbito de um projeto de investigação em curso no Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra (“Figuras da Ficção”, <https://figurasdaficcao.wordpress.com/about/>). A presente conferência parte daquele projeto e dos seus avanços, tratando de abordar a questão da *figuração*, em vários contextos da obra de Eça de Queirós:

- No contexto geral da produção literária queirosiana, enquanto processo relacionado com o projeto reformista do escritor.
- No contexto das mudanças finisseculares desse projeto reformista.
- No contexto compositivo d'A *Correspondência de Fradique Mendes*.

Neste último caso, a conferência analisará a questão da *figuração*, contemplando os diferentes registos discursivos e configurações de género (literário) que podem ser

lidos n'*A Correspondência de Fradique Mendes*: biografia, crônica, carta de amor, conto, ensaio historiográfico, memórias, etc. Para além das modulações figuracionais que ali se observam, a análise contribuirá para aprofundar o conhecimento dos dispositivos que levam à figuração de personagens ficcionais.

## **O primo Basílio no *Jornal de Letras, Arte e Ideias* (1981-2013)**

Cristiane Navarrete Tolomei (UFMA)

Trata a presente comunicação apresentar e analisar as publicações nas seções “Ensaio”, “Resenha” e “Entrevista” a respeito do romance *O Primo Basílio* (1878), de Eça de Queirós no *Jornal de Letras, Artes e Ideias* (JL), de Lisboa, entre os anos de 1981 e 2013. Após pesquisas realizadas em três centros de referências: ao Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (CEDAP), da Universidade Estadual Paulista (UNESP), de Assis; à Sala de Materiais Especiais, da Biblioteca “Florestan Fernandes”, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), da Universidade de São Paulo (USP); e à Hemeroteca Municipal, de Lisboa, Portugal, observamos a presença significativa de textos críticos, analíticos, descritivos e bibliográficos acerca de *O Primo Basílio* no JL.

## **A morte das mulheres: o caso de Emma, Anna e Luísa**

Daiane Cristina Pereira (USP)

Este trabalho tem por objetivo analisar a morte das protagonistas de três importantes livros da literatura ocidental: *Madame Bovary*, *Anna Karenina* e *O primo Basílio*, tendo como principal ponto este último. Pretendemos comparar como Emma, Anna e Luísa chegam ao momento decisivo de suas mortes, quais as circunstâncias e motivos que desencadearam o fim de suas vidas. Desejamos observar porque a personagem de Eça de Queirós tem seu desenlace ancorado em causas naturais, enquanto as protagonistas de Flaubert e Tólstoi, cometendo suicídio, tomam as rédeas de seu destino.

## O romance como teatro: *O Primo Basílio*

Danilo Silvério (USP)

Nesta apresentação será proposta uma leitura da obra *O Primo Basílio*, de Eça de Queirós, que estabeleça uma relação necessária *entre* os estratos sociais que ali figuram e suas respectivas morais. Para tanto, é preciso partir da hipótese de que o romance, do ponto de vista formal, seja construído para que as personagens representem seus papéis num teatro (tal qual a peça de autoria do personagem Ernesto Ledesma). Nesse teatro (do grego *theatron* e do latim *theatrum*: “local onde se vê”, ou “lugar para olhar”), as classes estariam dispostas em semicírculo (como num anfiteatro): em que a fidalguia (Basílio) seria a protagonista em solilóquio no palco; a burguesia (Luís a) sua audiência desorientada; e o povo (Juliana) sua crítica impassível. A essa estrutura formal corresponde um embate entre a moral da aristocracia, a da burguesia e a do povo, que, nesse contexto histórico, estão em constante conflito.

## **A micropolítica em *O primo Basílio***

Eduíno José de Macedo Orione (UNIFESP)

A narrativa de *O primo Basílio* descreve, com grande riqueza de detalhes, as relações conflituosas vividas no ambiente doméstico da casa de Luísa e Jorge. Essa descrição configura, nas relações de poder que se estabelecem entre cônjuges, amantes, patrões e empregados, vizinhos, homens e mulheres, etc, um bom retrato do Portugal oitocentista.

## **Madame: uma leitura baconiana de Os Maias e D. Casmurro?**

Flávia Maria Ferraz Sampaio Corradin (USP)

Embora fuja da proposta inicial do Encontro, *Madame*, uma “digressão cénica”, nas palavras da autora, Maria Velho da Costa, apresenta perspectiva inédita ao dialogar com *Os Maias*, de Eça de Queirós, e *D. Casmurro*, de Machado de Assis. Portanto penso ser contribuição relevante para os estudos em torno da obra queirosiana. Escrita em 1997, publicada em 1999 e encenada durante a temporada de 2000, a referida peça enfoca primordialmente “o encontro de duas personagens maiores do imaginário ficcional em língua portuguesa”: Maria Eduarda e Capitu, “duas mulheres que tiveram um episódio obscuro extremamente incômodo no passado”, examinando-lhe causas e motivos. Para tanto, eivada da liberdade poética que a arte lhe permite, a autora reúne ambas as protagonistas em Paris, trinta anos depois de criadas, portanto à volta da década de 20, em plena *Belle-Époque*. Maria Velho da Costa parte de dois dos maiores romances da literatura de expressão portuguesa, imprimindo ao seu texto perspectiva inédita na medida em que baconianamente busca desmistificar personagens, situações e episódios.

## Uma sensação nova na imprensa carioca em 1878: *O primo Basílio*

Francisco Maciel Silveira (USP)

De abril a julho de 1878, *O Primo Basílio* fora a sensação da imprensa carioca, fazendo correr rios de tinta, dividindo opiniões, gerando polêmicas. Esta comunicação resenhará as críticas saídas em torno do romance queiroziano, dando destaque naturalmente às duas arrasadoras críticas de Eleazar (Machado de Assis), saídas em *O Cruzeiro* nos dias 16/4/1878 e 30/4/1878.

**“o sabor poético de uma vida intensamente amorosa”: o bovarismo em *O primo Basílio* e *Casa de Pensão***

Giorgio de Marchis (Universidade de Roma III)

A comunicação tenciona identificar as ressonâncias da obra queirosiana no romance de Aluísio Azevedo, procurando reconhecer em *Casa de Pensão* uma original tentativa de emulação de *O Primo Basílio*. Como escreveu Jules Gaultier no seu célebre ensaio de 1902, o bovarismo é determinado sobretudo pelo meio social em que indivíduos sem firmeza e originalidade agem. Sendo assim, as personagens de Eça de Queirós e Aluísio Azevedo padecem, sim, da mesma patologia mas as profundas diferenças das sociedades que os dois autores retratam (o meio provinciano do Maranhão, a burguesia fluminense e lisboeta) fazem com que *Casa de pensão* não se possa considerar apenas uma simples imitação do modelo hegemónico queirosiano.

## **“Reticências pudicas”: uma questão para narrativa de *O primo Basílio***

Giuliano Lellis Ito Santos (USP)

*O primo Basílio*, em alguns momentos de sua narrativa, apresenta desvios, pausas, interdições, tais elementos escondem assuntos que são apenas tangenciados no romance. Essa forma de narrar anuncia um modo de agir da sociedade lisboeta. Assim, através do destaque desses momentos analisaremos quais são as implicações que essas “reticências pudicas” trazem para a sequência narrativa. Com isso, esperamos demonstrar que o assunto principal do romance, o adultério e seus entornos, figura como interdito no discurso corrente e, por isso, são interrompidos.

## O primo Basílio lido por Moniz Barreto

Helder Garmes (USP)

Este trabalho trata da crítica ao realismo português realizada por Moniz Barreto, focalizando o romance *O primo Basílio* de Eça de Queirós. Tomando-o como uma das obras-primas do escritor português, o crítico parece desconsiderar o debate motivado pela crítica que Machado de Assis fez na altura em que o romance foi publicado pela primeira vez. Procura-se averiguar quais critérios Moniz Barreto utilizou para avaliar a texto queirosiano.

## **Por que Luísa não cedeu ao Castro? Acerca de um episódio de *O primo Basílio***

Henrique Marques Samyn (UERJ)

O episódio é bastante conhecido: Castro, o banqueiro apaixonado por Luísa, surge como possibilidade para que essa obtenha o dinheiro que lhe permitirá livrar-se da cilada armada por Juliana. Conquanto Leopoldina arranje todas as condições para que se encontrem, no momento em que Castro avança com uma “luxúria bestial”, Luísa recua, cobrindo o banqueiro de chicotadas – gesto do qual posteriormente chegaria a arrepender-se. O trabalho pretende analisar esse episódio específico a partir de alguns questionamentos: por que Luísa, que ultrapassa barreiras no que tange à sua posição social ao assumir tarefas de Juliana, recua perante a oportunidade de lucrar tornando-se amante do Castro? Como esse recuo pode ser compreendido a partir do imaginário oitocentista acerca da relação entre sexualidade e ganho financeiro?

## **Os *Primos Basílios* de Eça de Queirós e Paula Rego (Intermedialidades)**

Isabel Pires de Lima (Univesidade do Porto)

A obra de Paula Rego, uma das maiores pintoras portuguesas e europeias contemporâneas tem desenvolvido um intenso e constante diálogo com outras artes, nomeadamente a literatura. De entre um amplo número de autores, destacam-se os clássicos portugueses de oitocentos, Alexandre Herculano, Camilo Castelo Branco, e sobretudo Eça de Queirós. Os romances *O Crime do Padre Amaro* (1997), *A Relíquia* (2014) e, mais recentemente, *O Primo Basílio* (2015) inspiraram a Paula Rego séries plásticas deslumbrantes através das quais a pintora aprofunda a reflexão sobre temas centrais da sua obra plástica - a identidade feminina, a violência, a família, a sexualidade, Portugal. Procurar-se-á estudar no âmbito do campo de estudos das intermedialidades, a visitação a que a pintora procedeu de *O Primo Basílio*, a partir de versões alternativas da narrativa canónica, nos sete pastéis que dedica à obra.

## Honra e paixão, marcas obsessivas dos personagens de *O Primo Basílio*

Izabel Margato (PUC-Rio)

Leitura dos *Episódios Domésticos* encenados por Eça de Queirós em *O Primo Basílio*, romance marcadamente limitado pelo universo pequeno-burguês de uma família lisboeta do século XIX. Focalização de atributos que “falam por si” e caracterizam, como emblemas, a classe a que pertencem os personagens desse romance.

## **Prosas Bárbaras: o insólito em Eça de Queirós e Edgar Allan Poe**

Jean Carlos Carniel (UNESP/IBILCE – São José do Rio Preto)

No começo de sua carreira literária, entre os anos de 1866 e 1867, Eça de Queirós publicou diversos folhetins em jornais, lançados postumamente com o título *Prosas Bárbaras* (1903), conhecidos por se aproximarem da estética fantástica. Jaime Batalha Reis, contemporâneo do autor português, afirma na introdução de *Prosas Bárbaras* que Eça teria sido leitor de, entre outros autores, Edgar Allan Poe. Este trabalho tem como objetivo analisar alguns contos de Eça que se aproximam da estética fantástica a partir de sua comparação com a obra de Poe. O trabalho é fundamentado na teoria sobre o insólito, de Maria Cristina Batalha (2012), termo utilizado para se referir às narrativas nas quais ocorre aquilo que não é habitual. Deste modo, pretendemos alargar o conceito de fantástico proposto por Todorov, a partir da análise desses contos. Agradeço à FAPERP (Fundação de Apoio à Pesquisa e Extensão de São José do Rio Preto) pelo apoio financeiro concedido (processo n. 074/2016) para a apresentação deste trabalho.

## Ler *O primo Basílio* através do *Fausto* de Gounod

José Carlos Siqueira (UFC)

O uso de um recital de ópera na composição de um romance foi inaugurado, ao menos na literatura pós-romântica, por Flaubert em *Madame Bovary* (1857), com uma apresentação de *Lucia de Lammermoor*, de Donizetti. 21 anos depois, Eça utiliza o mesmo recurso em *O primo Basílio*, mas com uma produtividade bem maior do que o modelo, pois, conforme nosso estudo, a história e a música de *Fausto* de Gounod passam a estruturar o enredo e investi-lo de um maior significado. Na comunicação, procuraremos analisar o processo e avaliar o resultado. O sucesso da estratégia operística em Eça parece ter inspirado Machado de Assis, pois, a chave do enigma de sua obra-prima *Dom Casmurro* (1900) pode muito bem estar na cena da récita de *Otelo* de Verdi, conforme a tese de Helen Caldwell, em *O Otelo brasileiro de Machado de Assis*.

## A política colonialista nos primeiros textos queirosianos

José Carvalho Vanzelli (USP)

Os textos de Eça de Queirós do início da década de 70, principalmente o romance escrito a quatro mãos com Ramalho Ortigão *O Mistério da Estrada de Sintra* (1870) e as contribuições a *As Farpas* (1871-1872), merecem serem lidos com atenção. Pois, além de revelarem o processo de formação intelectual do jovem escritor que, a época, participava das famosas Conferências do Casino Lisbonense, ainda apresentam questões centrais da sociedade portuguesa e europeia. Nesta apresentação pretendemos debater como uma dessas questões, nomeadamente a política colonialista de Portugal e do velho continente, é apresentada nesses textos iniciais de Eça. Focaremos nossa leitura no romance *O Mistério da Estrada de Sintra*. Mas, quando necessário, recorreremos tanto aos escritos de *As Farpas* quanto a bibliografia teórica acerca da questão colonial europeia.

## **As cozinheiras de Eça de Queirós: O *primo Basílio***

José Roberto de Andrade (IFBA)

Eça de Queirós não foi, no sentido denotativo, um grande cozinheiro, mas deixou sua marca na culinária portuguesa. A comida e o comer são tão marcadamente importantes na obra desse escritor que inspiraram livro de receita e despertaram a atenção de leitores ilustres. Este trabalho analisa as cozinheiras d' *O Primo Basílio*, para enfatizar a relevância da gastronomia na obra eciana e ampliar suas possibilidades de interpretação. Inseridas no contexto histórico e gastronômico, as cozinheiras revelam-se elemento importante na construção da narrativa e na crítica à sociedade lisboeta do século XIX.

## O fradiquismo de Basílio...

Lucas do Prado Freitas (UEL)

Em meu trabalho pretendo verificar, no romance *O Primo Basílio*, de Eça de Queirós, em que medida seria possível afirmar que o personagem Basílio antecipa certos elementos daquilo que viria a caracterizar, nas obras do “último Eça”, o “fradiquismo” finissecular, tais como o individualismo hedonista, a representação do dândi, a ociosidade, a visão estrangeirada, a flânerie etc.

## **O patriotismo finissecular em Eça: passado e presente questionados na Torre que rachava mostrando dentro um montão ignorado de lixo**

Luciene Marie Pavanelo (UNESP – São José do Rio Preto)

O sonho do “mapa cor de rosa” e o Ultimatum inglês, que acabou frustrando esse projeto português de expansão territorial na África, foram duas das causas para o crescimento de um sentimento nacionalista exacerbado em Portugal no final do século XIX. Em *A Ilustre Casa de Ramires*, Eça de Queirós faz um retrato crítico desse ufanismo, criticando não apenas os pseudopatriotas presentes na sociedade portuguesa da época, como também as próprias aspirações colonialistas. É nosso objetivo refletir como Eça produz uma obra que articula o presente e o passado, colocando em questão o orgulho nacional lusitano.

**Luísa de *O primo Basílio*, de Eça de Queirós, e Rita de *A cartomante*, de Machado de Assis: duas mulheres mortas como cenário de crítica social**

Maged. T. A. El Gebaly (Universidade de Aswan)

Trata-se de um estudo da personagem feminina na narrativa no cenário de crítica social e mudança cultural através da análise da figura de Luísa no “Primo Basílio” de Eça de Queirós e a figura de Rita em “Cartomante” de Machado de Assis.

## Perspectivas da subalternidade feminina em *O primo Basílio*, de Eça de Queirós

Marcio Jean Fialho de Sousa (USP)

O objetivo desta comunicação é analisar as personagens Juliana e Joana, do romance *O Primo Basílio*, de Eça de Queirós, fazendo uma comparação entre elas de modo que seja evidenciado como essas duas personagens, que possuem, basicamente, o mesmo *status* social, se relacionam entre si e como lidam com a condição subalterna a qual foram colocadas dentro de uma sociedade capitalista e patriarcal portuguesa, do século XIX. Vale salientar que, ainda que Juliana e Joana fossem empregadas de Luísa, o fato de Juliana ser “empregada de dentro” a faz se sentir, muitas vezes, superior a Joana, durante a narrativa. Outro ponto a ser analisado é como ambas assumem ou não a condição de subalternidade e quais suas consequências para o desfecho do enredo. Como aporte teórico, serão utilizadas a perspectiva de subalternidade apresentada por Gayatri C. Spivak e os estudos de João Medina acerca da presença feminina na obra de Eça de Queirós.

## O caso do primo Basílio: da narrativa literária à cinematográfica

Maria Zilda da Cunha (USP)

Objetiva-se, neste trabalho, o estudo, no âmbito da narratologia, de traduções intersemióticas de *O primo Basílio* (1878) de Eça de Queirós. Reconhecendo a importância da adaptação cinematográfica produzida em Portugal em 1922, focar-se-ão, em especial, os diálogos entre o conto queiroziano “No moinho”, publicado em 1902, o romance *O primo Basílio* e a transposição fílmica realizada em 2007 no Brasil sob a direção de Daniel Filho. Interessa primeiramente discutir, mediante uma leitura de ambas as faturas literárias, o modo como Eça concebe essas suas estruturas narrativas, isto é, como o escritor de Póvoa de Varzim projeta a intriga em termos de “redução” (economia) e de “ampliação” (transbordamento) dos elementos ficcionais que oferecem compleição aos enredos cujos incidentes traduzem o desejo e o conflito de ordem moral precedentes à consumação do adultério, sem o qual os destinos das heroínas (Maria da Piedade e Luísa) talvez não fossem tão nefastos. Se, aí, assiste-se a uma *conversação* na esfera intratextual (à maneira como ocorre entre “Civilização” [1902] e *A cidade e as serras* [1901]), quando se efetiva o traslado do romance para as telas do cinema o *constructo* afigura-se outro, visto que uma “adaptação é *automaticamente* diferente e original devido à mudança do meio de comu-

nicação” e – segundo ainda Robert Stam, em *A Literatura através do cinema* – a “originalidade total, conseqüentemente, não é possível nem mesmo desejável. E se na literatura a ‘originalidade’ já não é tão valorizada, a ‘ofensa’ de se ‘trair’ um original, por exemplo, através de uma adaptação ‘infiel’, é um pecado ainda menor”. Com efeito, a abordagem dos escritos do autor português desenvolver-se-á à luz da teoria comparatista, em conexão com o cinema e a partir de inferências que admitam, nesse contexto estético, pensar as intrincadas e ricas redes contratuais.

## **Julião e Sebastião – a ideologia variante nos discursos de dois personagens coadjuvantes em *O primo Basílio***

Moisés Manzano da Silva (UEL)

Em minha comunicação, apresentarei a variante ideologia de Sebastião e Julião, dois personagens coadjuvantes, mas de suma importância no romance *O primo Basílio*. O conservador e recatado Sebastião, bem como o positivista e profissional frustrado Julião, alteram fundamentalmente seus discursos, impregnados de ideologias pertencente à burguesia do século XIX, à medida que a trama se desenrola. Para tanto, farei uso de teóricos da linguagem, como Bakhtin e Benveniste, além de especialistas na obra queirosiana, como Carlos Reis.

## A *via-crucis* do corpo: o espaço urbano em O *primo Basílio*

Monica Figueiredo (UFRJ/CNPq)

A cidade será sempre um espaço consumidor de imaginário. Paisagem escolhida pela civilização, as cidades acompanharam o processo de evolução humana, transformando-se no espelho que de perto refletiu as mudanças, nem sempre edificadoras, vividas pela humanidade ao longo de sua história. Das ruínas da Antigüidade clássica às metrópoles futuristas, “a geografia pública de uma cidade é a institucionalização da civilidade”, porque *civilidade* e *cidade* partem de uma raiz etimológica comum. O século XIX foi aquele que perpetuou a cidade como espaço essencialmente burguês. É a cidade finissecular que vai aos poucos substituindo os valores públicos do Antigo Regime pelo culto da personalidade, criando uma cultura que centra no indivíduo as determinações de seu próprio destino. A *res publica* transforma-se num valor do passado e a cidade é agora um lugar que abriga o estranho. O homem individualizado exaltarà a intimidade, fazendo com que a sociabilidade entre em crise e a fragmentação é a marca da cidade erguida a partir do século XIX, espaço responsável por uma “fraternidade que leva ao fratricídio” (como definiu Richard Sennett), espécie de eco definitivo – inscrito no corpo da cidade – da falência dos ideais

que haviam forjado a Revolução Francesa. O presente trabalho pretende averiguar como as linhas ficcionais do romance da segunda metade dos oitocentos re(a)presentou a cidade referencialmente histórica, transformando-a em espaço privilegiado de ação, cenário problematizado, onde ficcionalmente a História de um tempo em crise foi posta em xeque pela pena de Eça de Queirós em seu *O primo Basílio*.

## Bem e mal é tudo igual?

Patrícia da Silva Cardoso (UFPR)

Orientado por uma distinção bastante estrita dos limites entre a literatura séria e a de entretenimento, António Coimbra Martins qualifica *O mandarim* como meramente uma “obrinha engraçada”, portanto, sem a densidade necessária para levar o leitor a refletir sobre o conteúdo do que se lhe apresenta, mesmo que tal conteúdo seja nada mais, nada menos do que a natureza do Mal. Não é difícil perceber que essa qualificação esteja diretamente relacionada à presença do elemento insólito – justamente o Diabo – na narrativa, que teria força para levá-la do campo da seriedade para o da fruição descompromissada. Nesta comunicação pretendo discutir em que medida se pode assumir que o tratamento reservado ao Mal em *O mandarim* é menos denso do que aquele que se observa em *O primo Basílio*, um romance que, por sua inserção explícita no contexto social, é naturalmente associado ao campo da seriedade.

## Dois primos: Basílio e Charles Grandet

Paulo Motta Oliveira (USP)

Numa conversa entre Sebastião e Julião, este explicita que a história dos amores entre Luíza e Basílio são uma transposição de *Eugênia Grandet*. Partindo desta pista, fornecida de forma evidente pelo narrador, pretendemos aproximar o livro de Balzac do de Eça, buscando verificar de que forma o primeiro desses permite que leiamos alguns aspectos geralmente pouco explorados do segundo.

## **O primo Basílio e o sublime africano em Eça de Queirós**

Pedro Schacht Pereira (The Ohio State University)

Prosseguindo um projeto de pesquisa de médio prazo em que procuro identificar e analisar as instâncias de um discurso queirosiano a que venho chamando de “Sublime Africano”, nesta comunicação irei mostrar o lugar ocupado por *O Primo Basílio* na construção e na representação literárias desse discurso. Através da comparação com exemplos recolhidos de outras obras de Eça de Queirós, procurarei evidenciar como o sublime africano é uma característica que atravessa toda a obra do grande escritor realista-naturalista português, e que transcende as divisões que a crítica estabeleceu entre um “primeiro Eça” e um “último Eça”.

## **O primo Basílio (Eça de Queirós): o paradigma do espaço literário realista-naturalista queirosiano.**

Rosane Gazolla Alves Feitosa (UNESP- Assis)

O Realismo-Naturalismo consolida determinados procedimentos técnico-literários, dentre os quais a supremacia da observação como instrumento de conhecimento, recorrendo à análise dos costumes. Por sua vez, esta análise social se constitui em procedimentos metodológicos de uma crítica social de tendência reformista, com orientação anti-romântica e anti-idealista. Em *O primo Basílio*, o espaço visto como categoria narrativa de inegáveis potencialidades de representação semântica, seja o espaço físico, seja o social pode ser entendido como signo ideológico. Nosso objetivo é comentar a presença explícita, no espaço físico narrativo de elementos (objetos, monumentos, edificações) que funcionam como geradores de verossimilhança, que atuam especialmente na caracterização do espaço e das personagens de natureza social, econômica, histórica, em interação com outros signos, fazendo com que o espaço literário adquira uma certa contextura ideológica. Verificando e utilizando-se da estratégia literária da descrição, com focalização onisciente e marcas de subjetividade da intromissão do narrador, consideraremos o espaço

literário em *O primo Basílio*, um paradigma do programa realista-naturalista queirosiano ao afirmar a condição militante e interventora da criação artística; de fazer do romance o grande instrumento de análise de males sociais; de levar a cabo, de um ponto de vista reformista, uma sistemática reflexão crítica sobre a sociedade portuguesa da Regeneração (segunda metade do século XIX).

## Eça flâneur

Silvio Cesar dos Santos Alves (UEL)

Em minha comunicação, falarei da “poesia” que exala das ruas – em alusão ao poema “Noites de primavera no boulevard”, do Fradique de 1869. Partindo de uma experiência de Amaro na noite de Lisboa que somente aparece na edição da *Revista Occidental* (1875), deter-me-ei, de forma mais analítica, na cena d’*O primo Basílio* em que Luisa, acompanhada de Dona Felicidade, encontra o primo no “Passeio Público”, partindo os três para um passeio pelas ruas e largos da capital. Por fim, compararei essa cena com o passeio de Carlos e João da Ega na nova Avenida, no último capítulo d’*Os Maias*.

## Entre ação e consciência: uma leitura de Teodorico personagem de *A Relíquia* de Eça de Queiroz

Thiago Zanotti (USP)

Eça de Queiroz escreve em *A Relíquia* uma personagem que passa por uma transformação moral através de um certo conhecimento; Teodorico é um liberto das inverdades da religião. Esta *imagem* ou projeção ideal do sujeito consciente da *verdade* da “não verdade” do homem é tema do parágrafo 34 de *Humano, demasiado humano* de Friedrich Nietzsche. No parágrafo Nietzsche expõe o como (supostamente) seria a personalidade daqueles que alcançaram a visualização *real* do mundo, o sujeito que diante do conhecimento (empirista/materialista) é capaz de perceber a inverdade e impotência de deuses e sua metafísica e a pobreza original do homem; é o sujeito que entendeu a verdade linguística e associante do homem e que, então, deposita em si toda a fé de sua existência, admitindo, assim, uma relação prática de mundo sem apoiá-las em ideias, mas, por fim, e mais, a praticá-la com serenidade e aceitação de um simples homem falante. Eça no trecho que chamo *o milagre da linguagem* escolheu para a ação do sujeito ficcional a epifânica revelação da verdade do mundo; ela aparece na imagem de Cristo revelando-se como false-

amento de mundo, numa ironia ao trecho bíblico da transfiguração, o Redentor expõe sua absoluta não potência redentora, legando (libertando) ao homem (a personagem) de toda a responsabilidade de sua prisão; o sujeito livre, por sua linguagem, de suas crenças. É interessante notar, que Teodorico após o incidente ficcional, solta-se de sua projeção pessoal/social de “rapozão”, capa social de um sujeito materialmente dependente, obrigado a uma submissão católica, para então assumir-se como um anônimo emancipado ao livre trabalho e à isenção de crença; ele de filho de uma antiquada elite católica, apegada e baseada ao sistema sacerdotal, torna-se um aventureiro das relações cotidianas de mundo, sendo um agente livre, nominado por Nietzsche como *livre homem de ação*. O fim do romance nos apresenta um sujeito refeito, manso quando a esperanças e aflições de salvação, purificado por uma verdade empírica-histórica e lógico-linguística (conhecimento posterior); a paz final de Teodorico, para Eça e Nietzsche, é um espírito livre feito à noção burguesa de homem.